

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: Fulniô 06

Data: 12.10.75 Pg.: _____

Na reserva fulniô, um impasse histórico

HOMERO FONSECA

Da Sucursal de
RECIFE

A tribo fulniô e a população "branca" da cidade pernambucana de Aguas Belas, a 310 km do Recife, estão vivendo um impasse histórico, originado há dois séculos, quando os índios foram convencidos a doar a Nossa Senhora da Conceição, com autorização do governo colonial, uma área de 90 hectares de sua reserva. Nessa área, que em 1776 passou a ser administrada pela Diocese de Garanhuns, surgiu Aguas Belas, hoje com cerca de 8 mil habitantes, sede do município.

A situação física da cidade e da aldeia fulniô é anômala. Aguas Belas está enquistada no coração da reserva indígena encravada no meio do município. Assim, à medida que a cidade cresce, encolhia-se a área da reserva. E Aguas Belas cresceu muito, tornou-se um dos principais centros da pecuária do Estado, produzindo 35 mil litros de leite por dia e fornecendo mensalmente 200 reses para o consumo do Recife. Também na agricultura, situa-se como um dos maiores produtores de feijão do interior pernambucano. Parte desse crescimento se deve aos índios.

Agora, as próprias autoridades águas-belenses proclamam ser inevitável a invasão gradativa da reserva, em decorrência das exigências do desenvolvimento municipal.

OS FULNIÔ

O Posto Indígena General Dantas Barreto, da Fundação Nacional do Índio, abriga 1.951 fulniôs, que trazem na memória os saques de apenas algumas décadas atrás e vivem em condições de extrema pobreza. Eles estão entre os índios mais "aculturados" do País, inclusive apresentando alto grau de miscigenação. Sobre sua descendência, os estudiosos se dividem: uns dizem que descendem dos carijós, outros, dos cariris.

A aldeia tem umas 300 casas, de alvenaria e de taipa. A rua principal é um "largo", inclina-

do, sem calçamento, onde ficam, frente a frente, seus mais importantes prédios — a igreja azul de N. Sa. da Conceição e o Posto da Funai. Existem duas escolas primárias, a "General Rondon" e a "Padre Nelson", com 207 crianças matriculadas e onde, à noite, funciona o Mobral, com 30 alunos pouco assíduos. Há também um posto médico e uma pequena farmácia (mantidos pela Funai), uma mercearia de portas de ferro, um chafariz meio arrebentado, postes que projetam uma fraca iluminação. Não há saneamento, nem água encanada. Em quatro casas, no entanto, existem televisores.

Em matéria de lazer, contam com um acidentado campo de futebol, onde joga o Guarany Sport Club.

Os fulniôs praticam uma agricultura de subsistência, vendendo o excedente nas feiras-livres de Aguas Belas, às 2.ªs-feiras. Em "ritmo de enxadinha", como explicou um deles, plantam feijão, milho, mandioca e batata doce. Fazem também artesanato de palha, usando como matéria-prima a folha do ouricuri, uma palmeira nordestina: esteiras, bolsas e chapéus, vendidos, respectivamente, a Cr\$ 40,00, 30,00 e 20,00.

Não passa de 76 cabeças o rebanho bovino de toda a tribo. Há ainda 26 bois de carro (que puxam os primitivos carros-de-boi, muito numerosos em toda a região) e oito arados, que servem à comunidade. Alguns fulniôs são assalariados de fulniôs mais abastados.

A reserva é dividida em 427 lotes, de 30 hectares em média, mas boa parte das terras está arrendada a agricultores brancos. Igualmente, na periferia da cidade, há muitos terrenos arrendados a proprietários de casas residenciais. O arrendamento é supervisionado pela Funai e os preços são considerados "muito baixos" até pelos arrendatários, entre os quais estão o padre Oriel Ramos Wanderley (8 ha) e o prefeito Clodoaldo Bezerra Jonatas (3 ha). As terras são divididas por categoria: a de primeira categoria custa Cr\$ 80,00 o hectare por ano; de segunda, Cr\$ 60,00; terceira, Cr\$ 40,00 e quarta, Cr\$ 20,00. Do total do

valor do arrendamento, 20% cabe à Funai que, recentemente, para disciplinar o uso do solo, resolveu proibir novos aluguéis de terra.

A invasão de terra — segundo os fulniôs — é crescente e deverá piorar com a conclusão da rodovia BR-423, ligando Garanhuns a Paulo Afonso (BA) e que corta a reserva numa extensão de 12 quilômetros.

O OURICURI

Os fulniôs conservam sua língua nativa, o latê, por meio da qual se comunicam entre si. E praticam anualmente o ouricuri, uma misteriosa festa religiosa, terminantemente proibida a não-índios.

O ouricuri, considerado um sinceretismo entre o catolicismo, crenças nativas e cultos afro-brasileiros, mobiliza toda a tribo durante três meses por ano: setembro, outubro e novembro. Nesse período, as atividades econômicas são paralisadas e ocorrem as férias escolares. Os fulniôs também ficam em abstinência sexual no período.

Para a celebração da cerimônia, uma outra aldeia, de casas de taipa, foi construída seis quilômetros reserva a dentro, em local onde se chega por um único acesso, rigorosamente controlado pelos índios. Lá, depois do irregular amontoado de casas, existe um pequeno pátio, onde está o cenário do ritual: um estreito galpão, o joazeiro sagrado (uma frondosa árvore nordestina) e um muro branco que oculta segredos inacessíveis. As mulheres não podem se aproximar do joazeiro sagrado.

As festas começam no início da tarde e prolongam-se pela noite. Na parte da manhã, com autorização expressa do cacique, é possível a um "branco" visitar o local do ouricuri, como ocorreu em 1969, com frei Damião, um popular pregador católico no Nordeste. Ou com políticos, como o deputado federal Geraldo Guedes, da Arena, que chegou a prometer aos índios que mandaria colocar água encanada no local.

Para assistir ao ouricuri, os fulniôs que trabalham em outras cidades ou em outros Estados costumam tirar férias e

viajar a Aguas Belas. Muitos simplesmente abandonam o emprego, em caso de dificuldade para compatibilizar as férias com a época da cerimônia.

Durante os três meses de retiro, a aldeia fica praticamente abandonada.

Talvez seja por esse motivo que, em épocas eleitorais, os políticos preferiram visitar o ouricuri, como fez o atual prefeito Clodoaldo, que, segundo um velho fulniô, "chegou lá de joelhos e prometeu construir um açude na reserva". Ainda de acordo com o ancião, "o açude até hoje não existe, mas o prefeito teve grande votação aqui".

Os 300 eleitores fulniôs além de atrair o interesse dos políticos águas-belenses, também possibilitaram algumas aventuras eleitorais dentro da própria tribo. Nas eleições municipais passadas — em 1972 — eles só não conseguiram eleger um seu representante como vereador porque surgiram dois candidatos indígenas — João Francisco de Sá, conhecido como João Lalá, pelo MDB, e Jazon Luna da Silva, casado com uma "branca" e estabelecido com uma próspera mercearia, em Aguas Belas, pela Arena. João Lalá teve apenas 68 votos, mas Jazon chegou aos 170. A votação dos dois daria para eleger um vereador "um atrapalhou o outro" — comentam os fulniôs mais afeitos às regras eleitorais.

Mas a eleição ou não de um representante fulniô para a Câmara Municipal de Aguas Belas dificilmente poderia influir decisivamente na problemática essencial da tribo. Pois, como já constatava há dez anos a socióloga Mabel de Cerqueira Vianna, no trabalho "Aspectos Sócio-econômicos e Sanitários dos Fulniôs de Aguas Belas — Pernambuco", publicado em 1966 pela Sudene, a cujos quadros pertencia:

(...) "também é muito baixo o seu nível econômico, efeito e ao mesmo tempo causa do baixo nível cultural e das precárias condições de saúde acima referidas".